

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. II | N° 30 - MAIO 2023



O FAROL EM UM MAR SEM NAVIOS

REVISTA

CONHECIMENTO & CIDADANIA

ISSN 2764-3867
Vol. II N.º 29

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Edson Araujo
Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Edson Araujo
Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Danielly Jesus
Edson Araujo
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta
Neto Curvina

CONHECIMENTO &
CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

Revista Conhecimento & Cidadania

Vol. II - N° 30 - Maio de 2023

Rio de Janeiro - RJ

Curso Menezes Costa - CNPJ 28.814.886/0001-26

ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spotfy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas: Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

NETO CURVINA

Ministro do Evangelho, teólogo, escritor e educador

O farol em um mar sem navios



A chama das virtudes

O que motiva o ser humano nem sempre é a glória, por vezes, somos surpreendidos por heróis que fizeram o bem sem buscar qualquer reconhecimento. A luz não precisa de um espectador para brilhar, pois, sua natureza a fará reluzir ainda que todos estejam dormindo ou sejam cegos. As árvores caem na floresta, mesmo que ninguém veja isso acontecer, uma vez que, não se trata de uma apresentação e sim de algo que independe de uma plateia.

Ainda que ninguém possa presenciar as ações de um indivíduo, tais atitudes devem conservar as mesmas virtudes, portanto, não se pode atuar de maneira dissonante, ora agradando aos olhares alheios, ora fazendo aquilo que lhe convém.

Parece algo simples, e é, que cada um mantenha a coerência de suas ações, sem esperar um julgamento externo de seus atos, uma vez que, o maior censor das escolhas e atitude de cada um é, não outro, além de si mesmo. A vigilância só é necessária quando a autodisciplina não está presente, bem como, a norma é uma forma de impor regramento os que não se coloca um óbice moral para determinada conduta.

Não por acaso, percebemos as ditas “leis que não colam”, pois estas estão desprovidas de uma moral, de uma lógica que a sustente, sendo, portanto, constantemente desconsideradas. Resta então assumir uma postura coercitiva, quase sempre injusta, no sentido de curvar os indivíduos à vontade daquele que edita as normas, que é, em regra um tirano sem autopercepção. Mas disso, trataremos adiante.

Leandro Costa

Socorrer-se da ficção para ilustrar a importância de determinadas posturas, ainda que seja uma obra artificial, sujeita a inúmeras incongruências, em regra, as grandes obras ficcionais trazem em seu espírito uma mensagem real que o autor pretende passar, ou mesmo, a transmite de forma inconsciente, por derivar de algo natural. Claro que, algumas obras são meros folhetos, se distanciando de algo que é belo, justamente, por tentar transmitir algo tão artificial, tão grotesco, que soa falso, forçado.

As obras de ficção que não se prestam a uma mensagem tendem a ser passageiras, não sendo nada além de um fermento no conteúdo de mídia que tem por objetivo preencher espaços vazios deixados pela ausência de inspiração. Por outro lado, há quem use a ficção como peça de propaganda para suas intenções maldosas, contudo, em regra são obras que sofrem uma rápida autodecomposição.



Mantendo-se firme na solidão

No filme [O Náufrago](#), Chuck Noland, personagem interpretada por Tom Hanks, luta para sobreviver em um ambiente selvagem, entretanto, é importante destacar que Chuck cria uma espécie de amigo imaginário, que ganha forma em uma bola de vôlei e chamado de Wilson, nome que se refere ao fabricante da bola e fica estampado na mesma.

A importância de Wilson na trama não é apresentar uma face louca da personagem principal, supondo que acreditasse, devido à alucinações causadas pelo isolamento, estar lidando com uma pessoa real, ao contrário, Wilson é uma forma de conservar a lucidez de Chuck, uma vez que, isolado do convívio em sociedade, não precisava se submeter à qualquer regra de convivência, tampouco, verbalizar com terceiros. Sem a figura de Wilson, o protagonista perderia a necessidade de se comunicar, deixando de lado a [linguagem](#) complexa e característica dos seres humanos, entregando-se a bestialidade.

Leandro Costa

Ao criar Wilson, Chuck conserva sua sanidade, já que, a presença constante de seu companheiro serve como uma âncora, mantendo viva a sua ligação com a humanidade, com a história de seu povo, com o legado cultural, pois, a linguagem é um dos fatores que une uma sociedade e serve de amalgama para um determinado povo.

Portanto, é através de Wilson que o protagonista se mantém humano, por isso, ao perder seu “amigo”, na fração da jornada em que retorna para o seio da sociedade, Chuck não se lamenta pela morte de um ser imaginário, ou mesmo, pela perda do objeto, mas, por se espiar sozinho em meio a imensidão do oceano, temendo perder sua consciência. O apego entre o humano e sua bola de vôlei decorre da função do objeto de, constantemente, o lembrar que é humano, sendo possuidor de virtudes que precisam ser conservadas para que não se perca.

Wilson é a autodisciplina que se materializa em um objeto que, na melhor acepção da palavra, vigia a postura do protagonista para que não regrida a uma condição irracional. O amigo imaginário não é um ente externo que censura ou poda constantemente Chuck, em verdade, é uma criação de sua própria mente, cuja missão é manter acesa a racionalidade, evitando que seja tomado por seus instintos.

Não raros os casos em que as obras ficcionais abordam a necessidade de interação humana, mesmo em criaturas não humanas, que conservam a existência racional do ser. Seja um animal ou objeto, a função de tais figuras é estabelecer um contato entre o indivíduo isolado e aquilo que tinha como sociedade, trazendo alguém que conserve seus valores e legado, impedindo que perca até mesmo a capacidade de se expressar.

De forma alguma podemos confundir a nobre missão da bola de vôlei, pois, Wilson era uma âncora usada pelo naufrago para guardar sua humanidade, ligando-o permanentemente à realidade, não sendo uma janela para fugir dela. A criação de amigos imaginários em ambientes de convívio saudáveis, cuja função é afastar o indivíduo do mundo que o cerca, levando-o para uma realidade alternativa, uma utopia na qual não há problemas, deve ser observado com grande cuidado, pois, pode ser cado clínico, ou ainda pior, de sentimento revolucionário. Ainda mais grave que algo tratável com “tarjas pretas” são as síndromes sociais, que só costumam ser superadas após um grande banho de sangue.

A solidão pode ser enlouquecedora e a busca por ser parte de um grupo, embora algo natural, não pode ser tão irracional que implique a renúncia do que é essencial ao indivíduo, portanto, Wilson foi uma criação para manter a conexão entre o naufrago, isolado, e a sociedade, a humanidade como ele conhecia. Por outro lado, há quem renuncie sua existência com medo do isolamento, criando assim a busca desenfreada pela aceitação, uma fraqueza que, sem dúvida alguma, é explorada.

Leandro Costa

Concluimos assim que a bola de vôlei, na obra de ficção, não decorre da demência em razão do isolamento, posto que, se presta à resisti-la, bem como, não afasta o protagonista da realidade, sendo, justamente, uma corrente que o ancora nela. Chuck precisa perseverar, precisa conservar suas virtudes, para não se tornar fraco ou bestial na presença de seu companheiro Wilson, ou seja, para si mesmo.

Wilson é o reflexo da moral do náufrago, que, mesmo em um ambiente sem lei, sem ninguém para julgá-lo, mantém sua fé no seu traço humano inabalável. Chuck resiste ao destino de se tornar bestial, não aceita se despir de sua consciência, nem mesmo de sua linguagem.



O despertar de heróis em tempos inglórios

Outros exemplos de obras da dramaturgia, os consagrados filmes [A Lista de Schindler](#), que é inspirada em uma história real, e [A Vida é Bela](#), apresentam, ainda que no mesmo contexto histórico, de forma bem distinta, como o ser humano pode conservar o heroísmo em momentos difíceis, sem qualquer pretensão de reconhecimento ou fama.

No caso do empresário Oskar Shindler, membro do Partido Nazista, sua trajetória sofre uma reviravolta quando compreende o verdadeiro mal presente nos campos de concentração, mudando sua intenção, que era o lucro em razão da mão de obra barata, pela salvação dos judeus.

Tomado pela necessidade de salvar as pretensas vítimas do regime revolucionário, o empresário arrisca-se subornando agentes do Estado, em especial da Waffen Schützstaffel, a famigerada SS. Ao final,

Leandro Costa

Oskar não salva todas as vidas que pretendia, sua intenção era fazer mais que conseguiu, mas acaba por poupar mais de mil judeus do Holocausto, sendo assim um herói improvável, mas que surge de onde menos se espera.

Shindler dilapidou seu patrimônio para promover a salvação dos judeus de sua fábrica, mesmo os que inclui na fábrica somente para salvaguardá-los, entretanto, precisa deixar a Polônia ante o avanço do Exército vermelho, pois, sendo membro do Partido Nazista, sofreria as consequências de seu passado. Lembrando que, Shindler e os judeus que salvara não tinham, naquele momento, consciência de que o Exército Vermelho não libertaria a Polônia, apenas mudaria o senhor da prisão que todo país totalitário inevitavelmente se torna.

No final da Segunda Grande Guerra, Shindler livra os judeus de um trágico destino e segue para o ocidente, vivendo parte de sua vida na Alemanha Ocidental e na Argentina. Falido, passou sua velhice sendo ajudado por judeus e, após sua morte, mesmo sendo membro do Partido Nazista, teve a honra de ser sepultado no Monte Sião, em Jerusalém. Não foi pela honra que o empresário se arriscou e perdeu sua fortuna, uma vez que, não teria como saber se seria reconhecido, logo, presume-se que Oskar Shindler tomou a postura por, realmente, se importar com aquelas pessoas que outrora considerava como mão de obra barata, contudo, percebeu que tratavam-se de seres humanos e, portanto, indivíduos que mereciam sua compaixão.

O improvável herói, cuja a importância das ações foi sentida especialmente por aqueles que ajudou a salvar e seus descendentes, é um exemplo de que, mesmo sem qualquer glória como prêmio, a grandeza da alma pode ascender a luz que há em cada um, a chama divina que nos une como filhos do criador. Não por acaso, somos chamados de irmão, pois somos todos filhos de Deus.

Quando Shindler percebe que havia, naquele momento, uma missão maior que lucrar ou fazer política, deixa tudo de lado e atende ao chamado, fazendo de seu heroísmo, naquele momento ao menos, anônimo, nem poderia ser diferente, a mola mestra de suas ações. Não importa o quanto o empresário poderia fazer, o quem poderia estar lhe espiando, era preciso fazer o máximo que pudesse alcançar, pois a missão de salvar aquelas vidas se tornou a obra de sua vida.

No filme a Vida é Bela, que não se baseia em uma história real, porém, se ambienta no mesmo momento trágico da Segunda Grande Guerra, o protagonista, um judeu que se vê levado a um campo de concentração na companhia de seu filho, tenta proteger a criança do pavor que se experimenta quando percebida a cruel realidade que os cercavam.

O pai não precisa de reconhecimento para se sacrificar pelo filho, a grande mensagem do filme é o amor incondicional do protagonista para com a criança, com é de se esperar dos pais, a busca do pai em

Leandro Costa

preservar o estado emocional de seu filho e, até mesmo, salvar-lhe a vida, se soma a inquietante situação da mãe, que tenta encontrar sua família em um cenário de destruição. Mesmo reencontrando apenas a criança, a viúva compreende que seu marido se sacrificou para preservar o fruto de sua união, o legado de ambos, restando feliz por saber que foi o heroísmo do protagonista que manteve seu filho vivo.

Tanto Oskar Shindler quanto o pai amoroso não foram movidos pela busca de fama, de reconhecimento, de glória, pois, sua missão transcendia a sua própria existência, era uma forma de salvar aquilo que se percebia como puro e merecedor de amor. Por motivos diversos, ambos forma heróis, limitados diante do gigantesco mal que assolava a humanidade, mas seus atos não podem ser apequenados pela máxima de terem feito tudo aquilo que estava ao alcance, fazendo sua singela mas ímpar contribuição.

Por óbvio que Oskar Shindler, sendo uma figura real, importa mais que a personagem de A Vida é Bela, entretanto, a ficção nos transmite a mensagem, trazendo o mito capaz de encorajar os verdadeiros heróis, incluindo os anônimos.



O dever é maior

Em um outro cenário, antes da era cristã, podemos mencionar Fidípides que, sozinho, correu por quase quarenta de dois quilômetros para avisar às mulheres para que não destruíssem a cidade, pois a Batalha de Maratona fora vencida pelos gregos e não era necessário fugir e destruir aquilo que os persas pudessem se aproveitar. O herói morreu em razão da missão que foi confiada, entretanto, colocou seu dever acima de sua existência, haja vista que, era necessário salvar seu povo.

Leandro Costa

Durante o percurso, Fídípides se viu solitário, correndo para cumprir sua derradeira missão de avisar o povo da vitória sobre os persas. Alguns pensaria em desertar, desistir da empreitada, posto que, como observado, não havia quem lhe vigiasse, logo, um pequeno desvio e uma clama caminhada poderiam ter-lhe poupado do sacrifício, entretanto, Fídípides estava certo de que sua incumbência tinha como fim salvar Atenas.

Mesmo solitário em seu percurso, o herói grego não se deixou abater ou desistir, não por esperar reconhecimento, mas pela salvação de seu povo.

O maior exemplo que podemos ter da resistência ante a tentação, mesmo que não exista uma testemunha, é a passagem da Quaresma, em que Nosso Senhor suporta provações por quarenta dias e não se deixa dobrar. Tal passagem deixa claro que, mesmo sozinho, isolado no deserto e sob forte tentação do mal, a luz de Deus não se apaga, sequer diminui, pois ela tem um propósito maior, uma vez que, ao término do período da Quaresma, será a luz compartilhada com toda a humanidade.

O ensinamento de manter-se firme diante das provações encoraja a todos que, na medida do possível, conservemos a luz apesar de uma imensidão de trevas, especialmente em tempos nebulosos, sendo que há dias e noites, de maneira que, nenhum período de bonança ou de privações perdurará ad eterno.

Se conservamos a [luz nos tempos de escuridão](#), passamos por tal momento nos fortalecendo, legando a chama aos que nos sucedem, contudo, se abandonamos a luz em favor da fraqueza, condenamos as gerações vindouras a cegueira, exigindo deles que construam suas edificações sem alicerces do passado. Não por acaso, as forças revolucionárias tentam ofuscar valores que sustentam a humanidade.

[Destruir a fé cristã](#) implica retirar da sociedade o afã de resistir aos tempos difíceis, como a Quaresma ou as sete vacas magras, relegando os indivíduos ao assistencialismo, ao clientelismo e a busca de uma salvação pela força de uma estrutura de poder a quem [entregaram tudo que lhes for exigido](#) em troca da proteção e da direção à que devem seguir.

Cegar uma sociedade é o ideal no imaginário revolucionário, permitindo assim que construa sua utopia doentia em um solo não edificado. Destruindo o alicerce da civilização qualquer coisa pode ser proposta, assim sendo, poder-se-ia imaginar a criação nos moldes daquilo que a mente revolucionária acredita, lembrando-se que, ao entregar a direção da sociedade a relativistas, o revolucionário sempre estará diante de uma estrutura insustentável.

Não há como edificar sobre a mentira, usando como bases, criações que consideram ser a verdade uma questão de ótica, portanto, o castelo desconexo revolucionário desmoronará sempre que se tornar

Leandro Costa

insuportável no imaginário de seus seguidores. Ao relativizar tudo, a mente revolucionária vive em uma eterna ficção, furtando-se da triste visão de seu fracasso por não ter a coragem de conservar sua luz, pretendendo o caminho mais fácil sempre.



O sono dos atalaias

Tempos difíceis exigem que os homens se mantenham firmes, sendo luz em meio a escuridão e despertando outros que estejam perdidos, lembrando que somos parte da história e que ações, consideradas grandes ou pequenas, são importantes. Conservar virtudes em meio às trevas é não ser por elas devorado.

Nos momentos de provação os fortes são chamados a se portar como fortalezas, abrigando os necessitados e servindo como bases para que não se recue diante do mal, os fracos precisam decidir se abandonam a luz, deixando-se consumir pela bestialidade revolucionária, ou se despertam e somam-se contra as forças do mal. Aos que permitiram furtarem-lhes a chama, degenerados e degradados, um trágico destino os aguarda entre as presas da besta da revolução, sendo o despertar a sua única saída.

Todos os movimentos revolucionários espalharam a desgraça por todo lugar em que passaram, entretanto, os que se permitiram entregar à ganância, à luxúria e à inveja são seus seus arautos e vítimas, pois, serão devorados assim que sua servidão perca o valor.

É a turbulência que separa homens de meninos, todavia, é importante observar o que acontece nos tempos de abundância, tendo em vista que, nos tempos das vacas magras precisamos ser resistentes e corajosos, mas não se pode olvidar a responsabilidade de conservar as virtudes nos tempos de vacas gordas. Normalmente, é no período de calma que os soldados depõem-se de suas armas, permitindo que o inimigo os ataque furtivamente.

Leandro Costa

O vigia não pode deixar de se manter atento nos momento de calma, por ser, justamente, a oportunidade esperada pelo adversário para a emboscada, de tal forma que, o mesmo deve ser feito em relação as virtudes. O homem tem o dever de conservar a moral ainda quando não é testada, de maneira que seja digno como respira, defenda seus valores certo de que é a arma que precisará empunhar quando o mundo a sua volta se desfigurar.

A necessidade dos revolucionários em destruir os valores da família, da cristandade e, por conseguinte, de toda a civilização encontra fundamento em dobrar a vontade do homem aos anseios de líderes que se impõem sem qualquer legitimidade, sendo mentirosos, por criarem uma idealização falsa de mundo, precisam relativizar o fracasso de sua experiência. Quando a queda vier, os revolucionários a negarão e tentaram subverter a verdade, apresentando uma narrativa que lhes permita superar aquela fracassada tentativa e continuar tentando, sem, contudo, abdicarem do poder, que é seu maior anseio, em razão de seu erro.

Não se pode dormir em um posto de vigilância, mesmo em tempos tranquilos, em razão de que calmarias antecedem tempestades e vice-versa. O atalaia precisa se manter desperto e pronto para acordar quem o cerca, guardando seu turno seja ele qual for.

A autodisciplina nada mais é que o reconhecimento próprio de que há uma missão a ser cumprida, cuja importância é maior que a nossa própria existência.

Não é necessário criar um amigo imaginário para que se assuma uma postura autodisciplinada, ao viver aquilo que se coloca como ideal, deixando de usar um disfarce que propagandeia virtudes que não se tem, o indivíduo precisa buscar cultivar as que tem e desenvolver aquelas que carece, vivendo de forma plena. Não há motivos para manter uma personagem que agrade ao público, ou mesmo os menores grupos de coexistência, quando se pode viver livre, conservando aquilo que lhe é caro.

Conservando valores que serão necessários em grandes guerras ou escaramuças, cada indivíduo torna-se luz em meio às trevas, sendo nos exigido somente que tais valores sejam reais, presentes em nossa existência, não se resumindo a uma encenação vulgar ou primorosa, posto que, sendo falsa, em nada servirá quando a escuridão se abater.

A verdade, a beleza e a justiça permanecem existindo em um mundo de mentiras, feio e injusto, pois a natureza de tais elementos é imutável, não sendo corrompidas em sua essência. O que se tem, é o vislumbre de distorções produzidas por elementos que precisam relativizar a existência, posto que, construíram suas obras sobre a mentira e sabem que, como castelos de areia, a ruína virá naturalmente com a verdade.

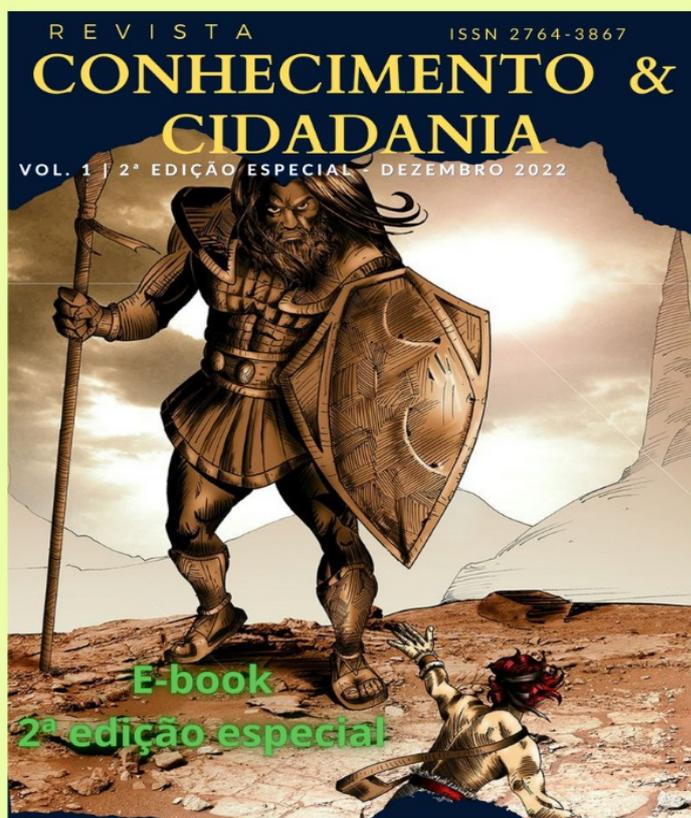
Leandro Costa

Um farol precisa permanecer aceso ainda que não se veja nenhum navio no mar, por conta de sua natureza que é iluminar, não importando saber se há embarcações nas imediações, tendo como fundamento que a existência, ainda que, nunca um navio cheguem perto o bastante para que o faroleiro os perceba é indispensável para conservar a luz em meio a escuridão.

Seja o farol que se mantém aceso no mais distante dos mares, seja luz ainda que acredite que ninguém a veja, conserve a chama como um presente de seus ancestrais e para seus sucessores, compreenda que seu brilho é o maior obstáculo para o inimigo, seja ele quem for.

“Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam”. Salmo 23:4

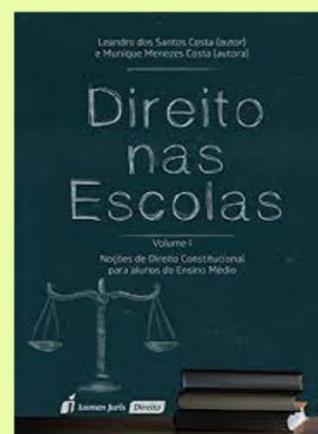
Revista Conhecimento & Cidadania



www.direitonasescolas.com/livraria

Por Apenas
R\$ 25,00

Na compra do E-book
2ª edição especial
grátis
E-book: Direito nas
Escolas.



Mauricio Motta

O reino de Bradzorden e a princesa Demokratia

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, negócios, eventos e incidentes são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.



CAPÍTULO I

Se queres a paz, prepara-te para a guerra

Era uma vez, há muito tempo atrás, em uma terra muito distante, existia um reino chamado Bradzorden. Era uma terra muito rica e bela, habitada por fadas, bruxas, bruxos, e que era governada com sabedoria por uma princesa. Seu nome era Demokratia, e esta é sua estória – ou ao menos é o que contam os mitos e as tradições repassadas pelos antigos oráculos do tempo.

Demokratia era jovem e bela, um tanto frágil, mas possuidora de uma sabedoria a ela concedida pelo deus Populus. Assim, Demokratia servia também de porta-voz do deus Populus entre seus súditos. Em razão de sua fragilidade, a princesa carecia de proteção, zelos e cuidados. Para tal missão, a princesa escolheu três nobres cavaleiros que de tempos em tempos podiam ser substituídos, para garantir que nenhum deles se encantasse por sua beleza. Seus nomes eram: Lairus Bonium, Roger Pax e Alex Morus. A cada um dos cavaleiros foi dado um instrumento mágico. A Lairus foi dada uma espada que tinha o poder de ferir toda a camarilha de bárbaros bandidos, que buscavam se aproveitar de Bradzorden e da princesa Demokratia. A Roger Pax foi dada a Pena Invisível, pois com ela era possível tornar possíveis os desejos e sonhos da princesa Demokratia. A Alex Morus foi dada a Balança dos Justos que permitia medir o peso dos corações dos habitantes, conhecendo assim suas intenções e impedindo o acesso dos maus ao palácio da princesa.

Mauricio Motta

O povo de Bradzorden vivia sob a proteção das muralhas de seu reino, sob os auspícios de sua princesa e garantidos por seus cavaleiros protetores. Havendo independência e equilíbrio entre os cavaleiros, a princesa reinaria pelos séculos dos séculos.

Como em toda estória de princesas e cavaleiros, reviravoltas acontecem...

Um antigo cavaleiro, que outrora jurara defender a princesa Demokratia, chamado Lucius Lúpus, o qual acabou por invejar sua beleza, de tal modo que passou a desejar possuí-la, acabou sendo encarcerado por não usar sua espada na defesa de Bradzorden. Sua inveja e sua ira cresceram a cada novo dia no calabouço de Bradzorden até que, consultando um antigo bruxo, e seu nome era Iotha Fontain, Lucius recebeu instruções sobre como poderia conquistar Bradzorden e finalmente possuir o objeto de seu desejo.

– Meu dileto pupilo, reconheço em teu coração a fúria daqueles que buscam experimentar o sabor do sangue dos desafetos. Tua condição momentânea te impede de dar vazão a teus instintos...

Subitamente o bruxo foi interrompido.

– Mestre como assim, “*momentaneamente*”? Me encontro no mais abjeto ostracismo em razão da ação de meus inimigos, como poderei alterar minha infeliz condição e novamente ser o cavaleiro escolhido pelo sábio coração da princesa Demokratia? Só assim poderei possuí-la!

– Pobre criança, tuas palavras demonstram o quão pouco sabes das antigas artes ocultas, dos encantamentos e das maldições. Vamos tomar o coração da princesa, o que é diferente de vencer a disputa pelo valioso coração.

Tomado de espanto, mas, ao mesmo tempo, renovado em seus desejos, Lucius esperou.

Tempos depois, o bruxo Iotha se materializou diante do cavaleiro Alex Morus e lançou sobre ele um encantamento que o tornou em um títere servil. A partir daquele momento Morus e a Balança dos Justos estavam a serviço do bruxo Iotha e de seu pupilo Lucius.

No tempo devido, a princesa Demokratia se recolheu em sua sala secreta buscando ouvir novamente a voz do deus Populus. O deus diria quem substituiria o cavaleiro Lairus. Por detrás de uma cortina, oculto ao olhar da princesa, espreitava o cavaleiro Morus. Durante a meditação da princesa, Morus invocou os poderes de sua balança mágica e faz surgir na mente da princesa a imagem do coração de Lucius. Em sua visão o coração era leve como uma pluma, isento de máculas. Num átimo de tempo, impressionada, a princesa abre seus olhos e decidida, saindo da sala secreta, irrompe os corredores de seu palácio ansiando fazer saber a todos que Lucius Lúpus era o escolhido.

Entrementes, os camponeses de Bradzorden se encontravam divididos. Alguns haviam sido encantados pelo bruxo Iotha, outros que haviam ingerido uma antiga poção, trazida por um eremita de nome Olaph Arbóreus, feita da seiva da árvore sagrada Redyphilum Liberus, conseguiam *ver o que não*

Mauricio Motta

podia ser visto, ouvir o que não podia ser ouvido. Estes últimos se indignavam e marchavam pelas ruas e praças rogando que o nobre cavaleiro Lairus impedisse o desfecho daquela tragédia que se anunciava. Mas nada aconteceu!

Lucius saiu do calabouço que o retinha e retomou seu antigo lugar, recebendo de volta a preciosa espada. Lairus fugiu para um reino distante onde permaneceu longos dias entregue à tristeza. A princesa Demokratia em sua fragilidade ficou à mercê de seus inimigos e, o cavaleiro Roger Pax permanecia inerte, expectador passivo dos fatos.

Nas ruas, os camponeses clamavam pelos guardas do palácio, para que saciassem sua sede de justiça. Sem que pudessem imaginar, enquanto *diziam o que não podia ser dito*, ingênuos que eram, eram observados. Por detrás de uma das cortinas que impediam a luz de acessar os recônditos do palácio da princesa Demokratia, olhos vermelhos os fitavam.

– Estas vozes precisam ser caladas, precisamos impor regulamentos que impeçam esse populacho de se opor à nossa vontade.

Era o bruxo Iotha...



CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

O Brasil é trans

Calma, este artigo não irá tratar sobre gênero. Porém, para dar contexto ao assunto, precisarei passear sobre o tema.

A dissonância de gênero consiste em uma insatisfação entre o sexo com que a pessoa nasce (características genitais do nascimento) e a identidade de gênero, que é a experiência emocional e social da pessoa como feminina, masculina ou andrógina. Ou seja, a pessoa que nasce com sexo masculino, mas se identifica como feminino e vice-versa.

E por que o título deste texto é “O Brasil é trans”? Porque há tempos, nosso país, embora se identifique como “democrático”, na realidade possui ditadura em sua essência. E para quem tinha ainda algum resquício de dúvida, os últimos acontecimentos tratam de esclarecer.

O mundo político foi pego de surpresa na última terça-feira, dia 16, com a notícia da cassação do mandato do deputado federal Deltan Dallagnol. Os ministros do Tribunal Superior Eleitoral entenderam que Dallagnol cometeu irregularidade ao pedir exoneração do cargo de procurador da República enquanto ainda respondia a processos disciplinares internos, o que, em tese, iria contra a Lei da Ficha Limpa.

Contudo, há alguns questionamentos: por que o TSE autorizou sua candidatura? Se havia este suposto problema, por que o mesmo não foi resolvido antes?

E mais: o Ministério Público Federal não viu qualquer irregularidade na candidatura de Deltan, tornando-o apto a concorrer. Abaixo, um trecho de um artigo publicado no site ConJur que deixa isso claro:

“A causa de inelegibilidade referente ao fato de a pessoa pedir exoneração de cargo público enquanto responde a processo administrativo disciplinar se restringe a esse tipo de procedimento, não se estendendo a outras medidas no âmbito dos órgãos extrajudiciais. E para não poder disputar eleição, o sujeito deve ser condenado por decisão irrecorrível de tribunal de contas.

Por não enxergar tais condições, o Ministério Público Eleitoral afirmou, em parecer enviado nesta quarta-feira (5/10) ao Tribunal Regional Eleitoral do Paraná, que o deputado federal eleito Deltan Dallagnol (Podemos) está elegível.”

Fica claro que foram o STF e o TSE que cometeram crimes aqui, pois atropelaram as atribuições do Ministério Público. Para quem não sabe:

“O Ministério Público não é um quarto poder, é uma instituição vinculada ao Poder Executivo, mas detém independência funcional, financeira e administrativa. É uma instituição permanente, conforme a Constituição, e essencial à função jurídica do Estado. A sua principal atribuição é a defesa da ordem jurídica, do regime democrático, dos interesses sociais, individuais e coletivos”, Felipe

Danielly Jesus

Amorim Reis, Presidente da Comissão de Estudos Constitucionais da Seccional de Mato Grosso da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-MT).

Em mais um trechop do artigo publicado no ConJur, fica evidente que o que ocorreu com Deltan foi uma clara perseguição política:

“Em agosto de 2022, a candidatura do ex-procurador foi alvo de três pedidos de impugnação, sendo um deles da Federação Brasil da Esperança, formada por PT, PCdoB e PV. As impugnações argumentam que Dallagnol estaria inelegível por duas razões. A primeira alegação é de que ele pediu exoneração do Ministério Público Federal enquanto respondia a processo administrativo disciplinar, o que tornaria o lavajatista inelegível, de acordo com o artigo 1º, I, alínea “q”, da Lei Complementar 64/1990.

Os pedidos também sustentam que Dallagnol estaria inelegível em razão da condenação, pelo Tribunal de Contas da União, por gastos com diárias e passagens de outros procuradores da “lava jato” (artigo 1º, I, alínea “g”, da LC 64/1990).

Após a condenação, o Ministério Público disse não haver improbidade administrativa no caso — o que não o deixaria inelegível. Além disso, a 6ª Vara Federal de Curitiba suspendeu a decisão do TCU por entender que existiam “manifestas” e “abundantes” ilegalidades.”

Voltando ao primeiro questionamento: por que o mesmo TSE que agora cassa o mandato de Deltan foi o mesmo que autorizou sua candidatura? Quando chegamos a conclusão de que há uma verdadeira perseguição política, muitos pensam que exageramos, mas esta é a realidade. Tanto que outro parlamentar já está na mora.

O senador Sérgio Moro foi ameaçado publicamente no Twitter pelo deputado esquerdista André Janones. Após a cassação de Deltan, Janones disse que Moro “é o próximo”.

Outra pergunta que faço é: para quê manter um Congresso se quem manda no país é o Judiciário? Jamais o procedimento de cassação deveria vir do TSE, mas sim da Câmara. Contudo, quem teve a audácia de atropelar o Ministério Público será capaz de qualquer coisa.

Chega a ser cômico ver quem ainda diga que o Brasil respira democracia; talvez, se abdicarmos da “cracia” a terminologia fosse mais verídica: o Brasil respira DEMO.



Guerra de Narrativas O sepulcro da DCN (Direita Conservadora Brasileira)



Quando Joseph Goebbels afirmou que “Uma mentira contada (ou dita ou repetida) mil vezes torna-se (uma) verdade”, ele estava aplicando todos os princípios básicos daquilo que viemos a conhecer como “guerra de narrativas”. Quem inaugurou a “guerra de narrativas” (vamos chamar agora de GN) foi Satanás, no Éden, ao distorcer uma orientação divina. Depois veio Ninrode, CRIANDO um factóide para sustentar uma mentira (Deus vai mandar outro dilúvio e eu posso protegê-los) e assim por diante.

A GN se sustenta em um tripé: mentira, distorção e factóides. Esses três às vezes agem juntos ou separados, mas é inevitável que você os encontre em todos os discursos globalistas e suas variações (progressismo, nazismo, fascismo, comunismo, fundamentalismo religioso, etc.). O que chamamos hoje de “desinformação” nada mais é do que uma variação sofisticada da distorção da verdade tornada em factóide.

Ou seja, Goebbels não inaugurou nada, ele só aperfeiçoou. Anos antes, Napoleão Bonaparte, o ousado outsider que tentou peitar o sistema de forma atabalhoada e acabou traído pela própria vaidade (e algumas mulheres, também), dizia que tinha mais medo de “Três jornais do que de cem baionetas”. Admirador de Alexandre, o Grande, o Francês sabia que desde o tabloide Acta Diurna, o “The Sun” romano criado por Júlio Cesar em 69 a.C., o sistema havia descoberto que a GN é a chave para parte do sucesso em obter poder e, conseqüentemente, a derrota de seus inimigos, e que a imprensa é essa ferramenta. Quando Hitler afirma, em "Mein Kampf", que “A propaganda não pode servir à verdade especialmente quando possa salientar algo favorável ao oponente” e que “Quanto maior a mentira, maior a chance dela ser acreditada”, ele incorpora o espírito satânico da GN que permeia todas as relações de poder desde que os homens passaram a lutar por ele.

Neto Curvina

Esse é o problema da direita conservadora brasileira (DCB). Ela não sabe como lidar com isso. Engatinha tropeçando em limites morais que normalmente não são bem-vindos em períodos de exceção que os homens conhecem como “guerras”. Se o seu inimigo usa armas de fogo, você talvez possa contê-lo com flechas por um certo tempo, mas logo será derrotado, mais cedo ou mais tarde. A DCB parece aqueles guerreiros de “O Último Samurai” se atirando com espadas contra as metralhadoras do exército japonês. Alguém dirá: “Mas o exemplo deles evitou o plano do representante britânico!”. Sim, por um tempo. Depois tudo aconteceu exatamente como o sistema queria.

Em algum momento todos os líderes de direita celebrados pela história lançaram mão da GN para equiparar o esforço contra seus adversários, você goste deles ou não (outro problema da DCB: usar um microscópio para analisar Thatcher, Reagan, Churchill, Lincoln e congêneres, e fechar os olhos para o Foro de São Paulo, bem aqui debaixo de seus narizes), em algum momento eles meteram uma bela fake news, plantaram algum tipo de desinformação ou distorceram algum dado. Não fosse isso, pode acreditar, a Europa estaria falando Alemão hoje em dia.

Os inimigos da liberdade nunca, em tempo algum, em hipótese alguma, lutaram dentro de qualquer tipo de linhas. O que é óbvio, porque isso não faz parte da natureza deles. Quando Maquiavel disse que os “Fins justificam os meios”, e foi mal interpretado, ele estava se dirigindo a um monarca e explicando a eles os meios possíveis para a manutenção do poder. E quando se luta contra uma GN somente outra GN, igualmente virulenta, consegue equilibrar as forças. E aí entra aquele velho braço auxiliar do mecanismo, suspendendo e censurando todo mundo que faz uma bela GN, porque o sistema sabe onde o calo dói.

A DCB vai penar, e muito. Porque ela está cheia de gente com "nojinho" de uma bela e clássica guerra de narrativas. Eu chamo de “complexo das quatro linhas”. Imagino Hitler ou Stalin no túmulo olhando isso do alto de seus bigodes estilizados e dando longas gargalhadas. A DCB quer fazer gato latir e cachorro miar. Quer ensinar cobra a voar. Ela realmente acha que 60 milhões de acéfalos (estou sendo otimista) estão mais interessados em saber da variação da NASDAQ do que em ver sair em algum lugar que o Presidente gastou milhares de reais em quentinhas. A DCB, do alto de sua fleuma, pensa que é mais crível para 60 milhões de acéfalos, NESTE MOMENTO, um relatório complexo e detalhado sobre a realidade das commodities, do que saber se as joias que o casal presidencial ganhou de presente estavam legalizadas ou não, ou se o estilista da atual Primeira-Dama na verdade é um opositor infiltrado.

É de fato, desestimulante.

Amando as coisas certas

“O sentimento segue aquilo que amamos. Se amamos o que é verdadeiro, bom e belo, ele nos conduzirá para lá. O problema, portanto, não é sentir, mas amar as coisas certas. Do mesmo modo, o pensamento não é guia de si próprio, mas se deixa levar pelos amores que temos.

Sentir ou conhecer, nenhum dos dois é um guia confiável. Antes de poder seguir qualquer um dos dois, é preciso aprender a escolher os objetos de amor – e o critério dessa escolha é: Quais são as coisas

Erika Figueiredo

que, se dependessem de mim, deveriam durar para sempre? Há coisas que são boas por alguns instantes, outras por algum tempo. Só algumas são para sempre”. Olavo de Carvalho

Eu conversava, ainda hoje, no carro, sobre esse assunto. O professor Olavo tentava dizer, nessa passagem, extraída de uma de suas aulas, o quanto, nos dias de hoje, perdeu-se a capacidade de prezar, buscar, preservar e perpetuar as coisas que são realmente BOAS, BELAS E VERDADEIRAS.

Na efemeridade do presente, o prazer precisa ser imediato, o desejo deve ser prontamente satisfeito, nenhuma gratificação pode ser adiada ou negada. O homem moderno quer tudo para ontem, age como se o mundo fosse terminar amanhã, e assim agindo, vai-se dessensibilizando, perdendo a capacidade de análise e de avaliação.

Afinal, como saber o que realmente vale a pena perseguir, aguardar, manter e eternizar, se não nos detemos em mais nada? Como perceber o que realmente importa, nessa vida, se o gozo e o prazer precisam acontecer todos os dias, e a tatuagem da moda é “carpe diem ” (aproveite o dia)? Na velocidade do pensamento e do agir, o que é importante se perde.

Por essa razão, amores sinceros são tão raros, amizades verdadeiras quase não existem, relações despidas de utilidade e baseadas no sentimento puro e cristalino estão fora de moda. O critério moderno é a utilidade : no que essa coisa, essa situação ou essa pessoa podem me ser úteis?

Eu vivi uma grande crise de identidade no final de 2019. Nem vou colocar a culpa na pandemia, porque esta aconteceu antes... Eu vivi uma tragédia pessoal e familiar, que me fez repensar profundamente meus valores e perceber que estava desperdiçando a minha vida, com coisas, pessoas e atitudes que não mereciam durar para sempre.

A partir desse ponto de ruptura, eu passei a repensar profundamente toda a minha trajetória, e a buscar resgatar o bom, o belo e o verdadeiro, que haviam se perdido pelo meu caminho. Não vou poder dizer que foi fácil... houve muitas consequências... Afinal, perceber-se inserido em uma vida destituída de um sentido, um propósito maior, e sentir-se envergonhado das próprias escolhas, exige uma mudança drástica!

Começar a pensar, como o texto do início diz, nas coisas que merecem durar para sempre, e nestas manter o foco, faz com que você precise despir-se, primeiro, da vaidade, calce as sandálias da humildade, e se analise sem pena ou sem medo.

A seguir, você começará a precisar de mais tempo consigo mesmo, menos barulho, mais silêncio, para olhar pra dentro, fazer uma autoanálise, sentir a dor das suas constatações, chorar sozinho, fazer promessas e tomar resoluções. E então começará a faxina... que é a pior parte, a mais pesada.

Relações por interesse ou utilitárias precisam descartadas. O lixo emocional tem que ser eliminado. Tudo passará pelo crivo: é de verdade? É bom? Merece perdurar? Como é duro constatar que a

Erika Figueiredo

maioria das nossas relações orbita em torno de interesse... E que nós mesmos alimentamos isso, muitas das vezes... Será preciso ser verdadeiro. Coerente. Falar uma coisa e fazer outra não vale. Ser fofoqueiro e invejoso também não. Para atrair e pessoas boas, amizades valorosas e desenvolver virtudes, você precisará, acima de tudo, exercitar, o tempo todo, um comportamento virtuoso.

Deixar para trás todo o lixo que adotamos, como comportamento, pensamentos e desejos, em nossas vidas, é extremamente difícil. O hedonismo está tão em voga porque não dá trabalho. Desejar bens e prazeres imediatos é muito mais simples. O que é mais complexo, afinal? Ser bom, ganhar um lugar no céu, perdoar verdadeiramente alguém, conquistar um amor sincero e desinteressado, ou sair por aí fofocando, expor-se nas redes, ter relações fugazes, ostentar?

Ser virtuoso é extremamente difícil e sobretudo complicado, no mundo em que vivemos. Aviso logo que há bastante sofrimento envolvido nessa busca. Muitas lágrimas serão derramadas. Muitas decepções acontecerão. Mas a outra opção, embora pareça a mais fácil, é muito pior, a longo prazo: Viver sem um propósito, não deixar um legado para aqueles que você preza, ser exemplo para seus filhos, não ter amigos verdadeiros. Não poder sonhar com o céu. Não ter AMOR.

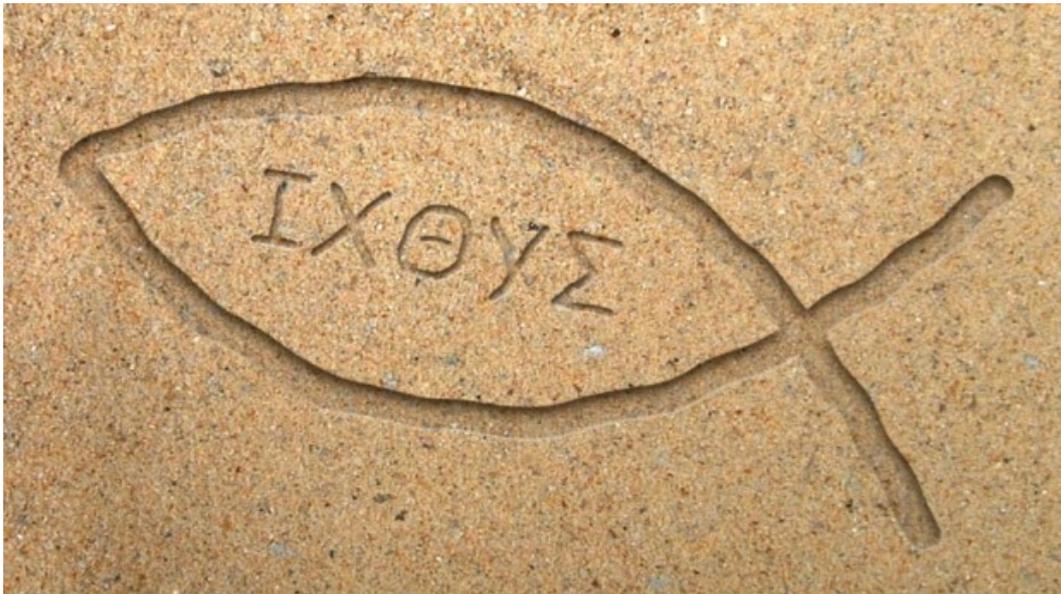
Porque o maior dos presentes que a faxina e a verdadeira mudança íntima podem trazer, para nossas vidas, é o AMOR. Ele é a chave, para que possamos abrir todas essas portas. Sem amor, não teremos como buscar a verdade, a bondade e a beleza. O amor está no centro de tudo. E, infelizmente, nos acostumamos a viver sem ele.

Depois de uma longa trajetória, em muitos aspectos desperdiçada, consegui, da história da minha vida, extrair o que merecia perdurar, e abrir espaço, removendo tudo que não me servia mais, para que o novo chegasse, mudando o que precisava ser modificado.

E descobri que o que dá sentido a todo o resto é o AMOR. Pelos filhos. Pelos amigos. Pela família. O amor romântico que une duas pessoas. O amor pela profissão. O amor que advém da caridade. O amor por Deus. A VIDA SÓ VALE A PENA SE VOCÊ DER E RECEBER AMOR. O AMOR é o que merece durar para sempre.

Desejo a cada um de vocês uma vida repleta desse sentimento que tudo transforma.

O papel do cristão na construção da sociedade



Eu cresci ouvindo que política e religião não se misturam. Tenho certeza de que essa frase é fruto de um discurso com raízes nas convicções de líderes comunistas (ou socialistas, como desejarem chamar). Afinal, como dito por Mao Tse-tung: “que a cultura floresça e as trevas da religião desapareçam”.

O termo religião pode ser definido como um sistema de crenças, práticas e valores que se conecta com o transcendente, ou ainda, a religião entre o homem e uma divindade. Toda religião possui seus ensinamentos morais, éticos e filosóficos que tendem a orientar o comportamento de seus fiéis. A religião faz parte da cultura de um povo, é através da cultura que se cria uma identidade coletiva. Afirmo ser humanamente impossível que alguém finja demência e esqueça suas convicções, sejam religiosas ou não. Não tem como separar o homem de seus valores. Exigir isso ou é muito mau-caratismo ou muito cinismo.

A religião faz parte da cultura de uma sociedade, desempenhando um papel fundamental para caracterizar aquele grupo social. As crenças religiosas são transmitidas de geração em geração e norteiam os valores daquela sociedade. Até mesmo o nosso calendário é influenciado pela nossa fé, a comemoração da Páscoa e do Natal são bons exemplos de festividades celebradas em uma sociedade cristã.

Dito isto, prosseguiremos... O momento atual, seja mundialmente ou nacionalmente, é bastante delicado. O mundo mudou, a sociedade se reinventou e a humanidade não é mais a mesma. Como progresso, a maioria dos países se intitularam como Estados laicos. Sendo assim, a religião foi colocada como uma influência desagradável na política. Alegações de fanatismos religiosos atrapalhando na política não são atuais.

Juliette Oliveira

Todavia, enganam-se aqueles que tentam nos “enfiar goela abaixo” a ideia de que um governo laico é livre de influência religiosa. Um Estado laico garante a liberdade religiosa e sua manifestação pública. Aliás, o próprio Supremo Tribunal Federal se manifestou sobre esse tema e esclareceu como a liberdade religiosa deve ser entendida no Estado brasileiro:

“A liberdade religiosa não é exercível apenas em privado, mas também no espaço público, e inclui o direito de tentar convencer os outros, por meio do ensinamento, a mudar de religião. O discurso proselitista é, pois, inerente à liberdade de expressão religiosa.” (STF, ADI 2566/DF. Redator min. Edson Fachin, julgado em 16/05/2018, publ. DJ 23/10/2018).

Não é difícil concluir que ser religioso incomoda, ser cristão incomoda, incomoda muito mais... Comunismo e fé nunca se conversaram, pelo menos se pensava isso até algumas décadas atrás. Por um lado, podemos dizer que melhoramos e evoluímos. Por outro, temos muito a lamentar. Não é mero acaso as comparações do cenário atual ao livro de Apocalipse.

No artigo anterior, falávamos sobre as aparições marianas e os alertas sobre o avanço do comunismo no mundo. Muitas vezes, os religiosos sentem-se distantes ou desinteressados pela política, mas é crucial compreender a importância de se envolver nesse campo como cidadãos engajados. Como cidadãos e fiéis, somos chamados a participar ativamente da esfera política, levando nossa fé para o espaço público e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

A fé cristã não se restringe apenas ao âmbito espiritual, mas também aos aspectos sociais, econômicos e políticos. Existe uma profunda preocupação com a justiça social e a dignidade humana, desde seus primórdios. Quanto ao catolicismo, os princípios éticos da doutrina social da Igreja fornecem uma base sólida para a participação política dos católicos. Os pensamentos bíblicos fornecem diretrizes que guiam os cidadãos em sua participação política.

O livro bíblico dos profetas, que compreende os livros de Isaías, Jeremias, Ezequiel e outros, é um bom exemplo de convite aos fiéis a não se contentarem com uma sociedade sem idoneidade. Neste livro, existem advertências, repreensões, conselhos e mensagens divinas ao povo de Israel e às nações vizinhas. Essas mensagens frequentemente abordavam questões políticas, sociais e éticas. Os profetas realizavam duras críticas aos governantes e líderes injustos, que exploravam o povo e violavam os princípios de justiça e retidão. Eles denunciavam a opressão, a corrupção, a idolatria e todas as práticas contrárias à vontade de Deus. Além disso, falavam sobre a responsabilidade dos governantes em conduzir o povo conforme os desígnios divinos.

Na verdade, a busca pelo bem comum é uma responsabilidade de todos os fiéis. Ao se envolverem na política, os cristãos podem advogar por políticas que promovam seus ideais de fé. Além disso, conseguem influenciar as decisões políticas, levar suas convicções e perspectivas para a formulação de

Juliette Oliveira

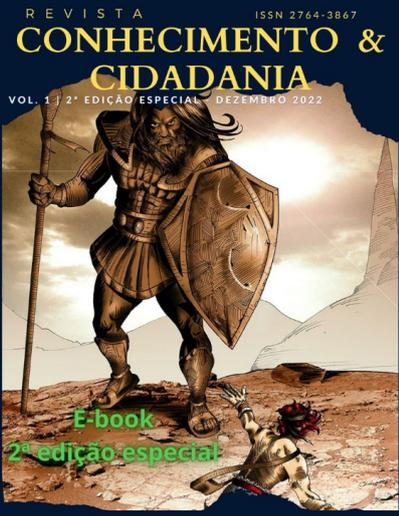
políticas públicas mais cristãs e legislar combatendo a perseguição religiosa. Deste modo, estão moldando a sociedade conforme os valores cristãos. Através da política, temos a oportunidade de sermos agentes de transformação e realizar debates morais e éticos. A política é uma ferramenta essencial na busca de mudanças e para impactar a vida da sociedade.

Todavia, é fundamental que os cristãos se envolvam na política de forma responsável, pautando suas decisões preservando sua integridade, utilizando sabedoria e discernimento. Em outras palavras, buscando agir de acordo com seus princípios éticos e morais de fé, buscando combater a corrupção, o oportunismo e recusando-se a se privilegiar em detrimento do bem comum.

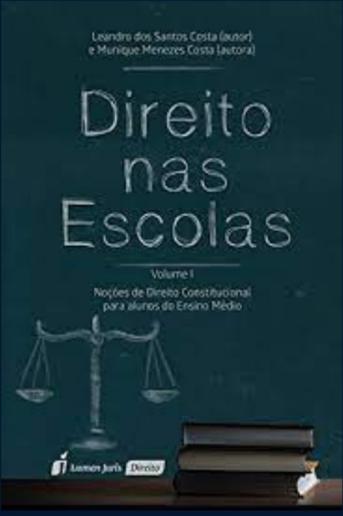
Por fim, todo fiel é convidado a exercer seu papel de cidadão de modo consciente, buscando contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada. A política é uma esfera de influência onde os cristãos podem ser sal e luz, levando a esperança, a compaixão e os valores do Evangelho para o cenário político e em benefício da sociedade.



Livraria Curso Menezes Costa







Site: <https://www.direitonasescolas.com/livraria>

A ética como elemento para superar crises



Muito se fala sobre o ethos grego, porém pouco se expõe sobre o poder que este elemento, puramente humano, pode exercer sobre o próprio ser humano, individual e coletivamente, em qualquer dimensão que seja aplicado.

Como já escrevi em outro texto, virtudes humanas são sempre evocadas e invocadas ainda que de maneira inconscientemente, pois como escrevi, são inerentes ao ser humano e suas relações.

Vejamos que a ética é elemento vital para que tudo aconteça, mesmo uma organização criminosa, tem seu código de “ética”. Mesmo em conluios e nas mais baixas ações de grupos ou indivíduos, é exigido que se estabeleça uma “ética”.

Isto acontece por que nosso nível de cultura é cada vez mais superficial, pois a ética é confundida com o bem e o mal, nesse nível de cultura; nesse caso é impossível que acertemos o alvo, pois a visão está deturpada.

Sem as devidas referências o bem e o mal se tornam circulares, por exemplo: no reino animal o predador é o mal da presa, porém na natureza trata-se do ciclo natural das coisas.

No reino vegetal o deserto é o mal da floresta e vice-versa, porém na natureza é próprio de cada região e clima. No reino humano, temos o acrescento da consciência onde tudo está intimamente ligado.

Um exemplo é que se o homem não cuida da natureza é na ponta o maior prejudicado, mesmo uma pequenina célula, se não for devidamente cuidada pode destruir o corpo inteiro. Enfim, a ideia do texto é mostrar que para se chegar no destino proposto ao ser humano enquanto sociedade é preciso referências

Edson Araujo

que estejam apoiadas em um manual que outrora permitiu que outras sociedades tivessem seu sucesso (sobre este assunto tratemos uma exposição em outro momento).

A pergunta nesta reflexão é: qual é, e onde está essa referência?

Começo respondendo que tudo o que precisamos está primeiro dentro de nós, em nossa parte espiritual ou na própria natureza.

Outro sim, e que sabemos que todos referências que apontam para o alvo e no nosso caso o maior deles é Jesus Cristo, nos deixa claro que nosso olhar deve estar nas ideias mais elevadas e que no esquema do processo, está posto, que devemos fazer em prol de todos e não apenas de um pequeno grupo ou de um indivíduo, embora comecemos com um indivíduo e posteriormente o reflexo chegará aos outros.

Lembremos que se não serve ao mar, não serve ao peixe e por fim a toda a vida marinha.

Se não serve à colmeia, não serve à abelha.

Se não serve à célula, não serve ao corpo.

A ética é este elemento que permite a justiça de um modo ideal, respeitando a natureza de cada um por ela alcançado.

Os estoicos já bem colocavam a ética como uma barreira à corrupção, pois um cidadão ético seria incorruptível.

É a ética que permite que enfrentemos as crises com dignidade, nobreza e com a aprovação de deus, pois a ética é um elemento de evolução e não de revolução.

A evolução propõe ordem enquanto a revolução propõe mudança.

Mudar os móveis de uma casa não significa que eles estarão em ordem, mudar a mentalidade de uma sociedade não significa que ela estará devidamente ordenada.

Por fim, proponho uma reflexão: vale a pena um esforço em direção a ética para trazer ordem a esse momento histórico?

Se sim, proponho que sejamos guardiões desta virtude que sua falta tem sido a causa de muitos de nossos problemas, e para isso é necessário o sacro ofício de sermos aqueles que deixarão as pegadas para os futuros cidadãos enxergarem a luz que os permitirão continuar caminhando na direção certa, embora não vejam a longe o destino, pois a ética os manterá aquecidos, bem alimentados e com as armas necessárias para as dificuldades que se apresentarão pelo caminho.

É a ética que permite que a célula dê lugar a outra, deixando o ambiente em condições perfeitas para sua missão, sem ética o câncer se estabelece, o desequilíbrio de ter mais predadores que presas, mais ignorância que sabedoria, enfim, a desordem.

Que Deus abençoe nossa jornada!!

Caderno ABRAJUC



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

A Associação Brasileira de Juristas Conservadores – ABRAJUC, é uma entidade apartidária, que congrega profissionais de diversas áreas do Direito, em todo território nacional, tendo sido criada com o objetivo de estudar e difundir os valores do conservadorismo. Como tal, defende as instituições consolidadas, tanto as públicas, quanto as referentes à família e valores morais do povo brasileiro.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

NOTA DE REPÚDIO

A *Associação Brasileira de Juristas Conservadores - ABRAJUC*, entidade que congrega profissionais dos diversos ramos do Direito, unidos em torno dos valores e princípios consagrados na Constituição da República Federativa do Brasil, vem a público, mais uma vez, **REPUDIAR**, veementemente, a aposentadoria compulsória da Juíza de Direito Ludmila Lins Grilo, tendo sua origem no bojo de um decreto emanado da presidência do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

Em primeiro plano, na publicação em Diário do Judiciário Eletrônico, publicado no corrente dia, diz-se que a aposentadoria compulsória da Magistrada abrangeu "interesse público". Porém, em disposição contrária, é público e notório o descontentamento com a desarrazoada medida que, em minuciosa análise, fere de morte a Magistratura nacional.

O Estado de Direito não comporta perseguições políticas, ainda que travestidas de missão institucional ou, até mesmo, apresentando uma roupagem constitucional que, a bem da verdade, acaba por se revelar em pirotecnias jurídicas com a finalidade de promover perseguição rasteira contra desafetos ideológicos.

Há muito que a democracia, a liberdade, as Instituições e o Estado de Direito, no Brasil, são ultrajados. Os princípios republicanos e constitucionais encontram-se sepultados. E o medo é o sentimento comum.

O Direito deve ser, antes de tudo, bom senso. Nunca utilizado como arma de guerra e perseguição.

Portanto, a ABRAJUC *concita* às Instituições de Estado, mui respeitosamente, que retomem a normalidade constitucional no Brasil, resgatando a segurança jurídica e a crença na Justiça.

República Federativa do Brasil, 25 de maio de 2023

Associação Brasileira de Juristas Conservadores

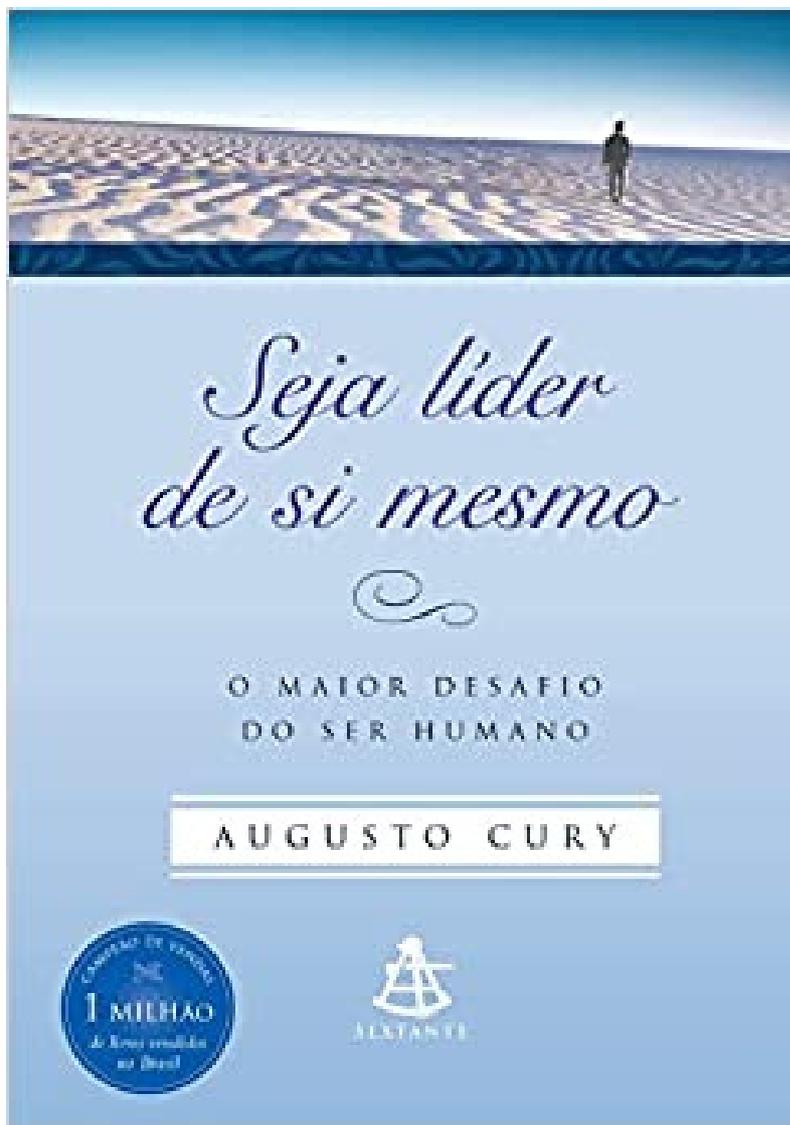
Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

Edição realizada por Edson Araujo

Dica de Livro



Se compararmos a mente humana com o mais belo teatro, onde se encontra a maioria dos jovens e adultos? No palco, dirigindo a peça, ou na plateia, sendo espectador passivo dos seus conflitos, perdas e culpas? Onde você se encontra?

Ser ator principal no palco da vida não significa não falhar ou não chorar. Significa refazer caminhos, reconhecer erros e aprender a deixar de ser aprisionado pelos pensamentos e emoções. Neste livro, você vai descobrir as ferramentas necessárias para se tornar o autor da sua própria história e fazer da sua vida um grande espetáculo.

Dica de Filme



Narrada pela famosa escritora e jornalista Jeanette Walls, a história biográfica segue a infância da protagonista, junto de seus irmãos, criados no seio de uma família disfuncional de nômades. Com uma mãe que é uma artista excêntrica e um pai sonhador e alcoólatra, eles não têm dinheiro algum e vivem se mudando de cidade em cidade pelo interior dos Estados Unidos enquanto o patriarca não para em um trabalho sequer.



Dica de Música

Tchaikovsky - 11 canções essenciais

Piotr Ilitch Tchaikovski foi um compositor russo do período romântico, cujas obras estão entre as mais populares do repertório clássico. Primeiro compositor russo a conquistar fama internacional, sua carreira foi impulsionada por sua participação como regente convidado em outros países da Europa e nos Estados Unidos.

Siga-nos
nas
**REDES
SOCIAIS**



@revistaconhecimentocidadania



Visite:

<https://www.direitonasescolas.com/livraria>

**Livraria
Curso Menezes Costa**

REVISTA ISSN 2764-3867
**CONHECIMENTO &
CIDADANIA**
VOL. 1 | 2ª EDIÇÃO ESPECIAL - DEZEMBRO 2022

**E-book
2ª edição especial**

REVISTA ISSN 2764-3867
**CONHECIMENTO &
CIDADANIA**
VOL. 1 | 1ª EDIÇÃO ESPECIAL - MAIO 2022

Edição especial

Direito nas Escolas
Volume I
Noções de Direito Constitucional para alunos do Ensino Médio

Leandro dos Santos Costa (autor) e Marique Menezes Costa (autora)

Impacto do direito na prática jurídica

Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:

PIX: 28.814.886/0001-26

